



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Isaura Mano Bonho FG180

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.015.SIN e TRA

Entrevistado/a: Isaura Mano Bonho

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 10 de outubro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

História de vida, namoro e casamento, criação dos filhos.

Imigração portuguesa: vida dos pais em Portugal, vinda para o Brasil, estabelecimento e adaptação a Caxias do Sul, o temperamento da mãe, atividades.

O exercício da profissão de tanoeiro por Guilherme Mano. Tanoaria: tradição portuguesa, o ensino da profissão.

Etnias: relação entre os imigrantes portugueses, e entre italianos e portugueses. Saudade dos costumes e da terra natal.

História familiar: Guilherme e Quitéria Mano.

Lazer e diversão: atividades masculinas e atividades femininas. Caçadas: pássaros.

Brincadeiras infantis e confecção dos próprios brinquedos. Trabalho infantil: condições de trabalho.

Cantigas de roda: "Virola da cruz", recreios.

Cinema: sessões, matinês dançantes (Cine Guarany), lembranças da primeira ida ao cinema.

Teatro: peças (Dom Beltrão de Figueroa, A vida de Cristo), Antônio Mano. Radionovelas: Antônio Mano.

Natal: a comemoração do Natal conforme o costume português, o caráter religioso da festa, a crença no *Kriss Kringle* (presentes).

Festa de Santa Teresa (padroeira): expectativa, preparação, dia, jogos, comemoração.

Festa do Divino Espírito Santo: procissão, fita, comemoração.

Festa de São João: fogueira, comemoração, vestimenta, comes e bebes.

Festa de Santa Catarina: piqueniques, confraternização, comidas, brincadeiras infantis.

Considerações sobre as mudanças comportamentais: costumes.

Clube Juventus: atividades, festas de São João, decadência.

Bairro Lusitano: localização, primeiros moradores.

Transcrição:

Sônia: Seu nome?

Isaura: Isaura Mano Bonho.

Sônia: A data do seu nascimento

Isaura: Treze de dezembro de 1920.

Sônia: 1920. A sua profissão, dona Isaura?

Isaura: Eu sou aposentada.

Sônia: Aposentada. E dona Isaura, e...os seus pais vieram de onde?

Isaura: Portugal.

Sônia: Lá em Portugal, dona Isaura, o que eles faziam?

Isaura: Bom, o meu pai, a minha mãe trabalhava na roça, na plantação, e o meu pai era tanoeiro, fazia barris. Sabe esses barris de madeira?

Sônia: Sim.

Isaura: Para abarcar o vinho. Quando ele estava lá, ele fazia isso. Depois ele veio para o Brasil para trabalhar com esse mesmo ofício, com a mesma profissão.

Sônia: E dona Isaura, eles vieram mais ou menos em que época?

Isaura: O meu pai deve ter vindo em 1910, ele veio sozinho.

Sônia: Sozinho.

Isaura: Depois ele voltou lá para buscar a família, que era a minha mãe e dois irmãos. E a minha mãe não queria vir. Mas ele tanto convenceu ela, que ela veio. Mas quando ela chegou aqui, no outro dia já estava fazendo economia pra voltar, não gostou.

Sônia: Ela não gostou?

Isaura: Não gostou. Mas depois, em seguida, veio a grande guerra, que foi em 1914, e aí foi proibido de mulheres e crianças viajarem. Então ela não pôde ir, porque tinha que esperar. E foi ficando por aqui. Acabou, acabou vivendo aqui. Ela foi a Portugal a passeio depois de trinta anos. Só passear e voltou. Aí ela não gostava mais de lá.

Sônia: Aí ela gostava daqui?

Isaura: Daí ela gostava daqui. Ela deixou todos os filhos aqui, né.

Sônia: E dona Isaura, foi dessa leva de imigrantes portugueses que depois eles ensinaram a fazer o trabalho em tanoaria?

Isaura: Sim, o meu pai era um dos cabeças.

Sônia: Fala um pouquinho sobre isso, dona Isaura.

Isaura: O meu pai chegou aqui, antes de chegar aqui em..., Caxias, não, em Farroupilha, porque ele parou em Farroupilha, antes de chegar aqui ele esteve no Pará, ele esteve por aí. Mas não sei o que ele fazia lá. Depois lá ele ficou com uma febre, aquelas febres que dava, sabe, não sei como é o nome daquela febre. Depois, ele acabou vindo pra cá. Então aqui ele começou a se dar bem com os italianos. Ele até ensinou muitos italianos a trabalhar, a fazer barril. Ele pôs uma tanoaria e, depois, por causa da guerra, não foi muito bem. Ele ensinou uns quantos italianos a fazer barril. E o meu pai sempre trabalhou nisso. Sempre ali, sempre foi...

Sônia: Ele tinha uma oficina dele?

Isaura: Dele.

Sônia: E ele sempre trabalhou por conta?

Isaura: Sempre trabalhou ali, com esses homens, né. E depois então no tempo da guerra, que foi mal, ele teve que tirar um dinheirinho, que a minha mãe já estava guardando pra voltar para Portugal, pra ele pagar os empregados, e teve que pegar aquele dinheiro. Aí então se tornou mais difícil para a minha mãe voltar. Quando a minha mãe veio de Portugal, que o meu pai foi buscar ela, ela ficou grávida, ela já tinha dois filhos. E ela deixou um lá. Trouxe só um para ela voltar, que então ela disse: “Se eu deixo o filho aqui é mais fácil eu voltar”. E, depois de uns anos, que ela viu que não dava mais pra voltar, mandaram vir o filho, que também era tanoeiro. Aqui depois ele se tornou tanoeiro. E depois, então, em seguida ela teve uma menina, aí já ficou mais difícil, né. Depois cada dois anos tinha um filho..., sabe como é que era antigamente, né. E não deu mais pra voltar, e depois ela também não se interessou mais de voltar para lá.

Sônia: E, dona Isaura, os portugueses, eles se reuniam, tinham o costume de reunirem aqui as famílias portuguesas?

Isaura: Ah, sim, tinham, os portugueses sim. E o meu pai também com os italianos se dava muito bem. Agora, a minha mãe não. A minha mãe não entendia o que eles falavam. A minha mãe ficava triste, nervosa. Então, o meu pai tinha muitos amigos italianos, e eles se visitavam muito, faziam, jogavam bolão, nos domingos, claro. O meu pai sempre trabalhou. E a minha mãe, então, ela ficou muito triste aqui. Depois ela arrumou uma amiga em Farroupilha, que essa amiga ajudou ela muito

assim, sabe, ajudava ela a fazer costura, arrumar as crianças. Ia sempre, convidava ela, todos os domingos a minha mãe visitava. Então, a minha mãe se tornou assim mais... E depois vieram pra Caxias e ficaram aqui sempre

Sônia: E quando eles se reuniam, dona Isaura, ele se reuniam assim, pra diversão? De que forma eles se divertiam?

Isaura: Jogando bolão, jogando bola, chutando bola, meu pai não jogava nada, mas, quer dizer, jogar carta. Era a diversão que eles tinham. Só isso.

Sônia: E que tipo de jogo de carta era?

Isaura: Olha, para dizer a verdade, eu não sei, mas deve ser esse joguinho de carta simples que jogavam aí, escova. Ah, de carta eu não entendo nada. Mas o que o meu pai mais gostava era do bolão, mais do que a própria carta.

Sônia: E as mulheres, como é que elas se divertiam?

Isaura: Olha, as mulheres acho que naquele tempo não se divertiam com nada, a não ser fazer uma visita né, que elas se visitavam, assim, uma ia na casa da outra, às vezes faziam uma comida junto, se visitavam. Mas, assim, outros divertimentos não tinha. Ali em Farroupilha não tinha nada e aqui também não. Tinha futebol e a minha mãe não gostava. Tinha uma outra tia que era portuguesa, essa ia pro campo, ela adorava assistir jogo de futebol, mas a minha mãe não. A minha mãe sempre foi uma mulher muito triste, muito caseira, muito... só trabalhava, cuidava dos filhos.

Sônia: Era de saudade?

Isaura: De saudade. E não tinha diversão aqui, não tinha nada. Tinha baile, mas ela não ia, quer dizer, bailinhos, essas coisas que tinha.

Sônia: E, dona Isaura, ela chegava a conversar com a senhora de como eram as festas lá em Portugal, as brincadeiras de criança?

Isaura: Sim, sempre eles falavam isto muito com o Antônio, com o Mano, eles estavam sempre conversando, sempre, sempre falando de coisas de Portugal. Parecia que era só aquilo que tinha de bom, até a comida, as frutas, tudo era bom era lá em Portugal. E ela contava muito de festas. Então, eles tinham um tipo de festa lá em Portugal, de um dia de um santo. Lá onde tinha a igreja, então iam todos para lá, levavam comida e então dançavam, catavam aquelas músicas “Vira”, aquelas coisas que eles dançam. E a minha mãe sempre contava. Mas a minha mãe nunca foi muito, nem de solteira.

Sônia: Nem lá em Portugal?

Isaura: Não. A minha mãe dizia que tinha uma irmã dela que um dia, numa festa, chegou a cair, desmaiou de tanto dançar. Mas a minha mãe não, a minha mãe nunca foi muito, ela era muito quieta. Quieta não, para divertimento, agora, pra trabalhar assim, ela era disposta, pra conversar e tudo mais, pra se divertir não.

Sônia: E, dona Isaura, a senhora, as suas brincadeiras de infância?

Isaura: Bom, olha, as minhas brincadeiras de criança, eu falo por mim e pelas minhas, pelos meus vizinhos mais ou menos, filhos de operários, que o pai trabalha e a mãe trabalha, tem que pagar aluguel, então mais ou menos a vivência era igual. A gente, brinquedo, não tinha. A gente não ganhava uma boneca, um brinquedo, eu nunca ganhei. Mas eu brincava com caquinhos de vidro, fazia casinha. A gente brincava de se pegar, sabe, correndo um atrás do outro, de se esconder, porque dava pra brincar. Dava, porque não é como hoje, que em tudo que é lugar tem perigo. A gente brincava de noite, antes, cedo da noite. Nós corríamos atrás dos vaga-lumes, a gente brincava de roda. Tipo de brinquedo assim, e brincar de fazer casinha. A gente fazia as casinhas com aquelas tampinhas, com coisinhas assim. Não era que nem hoje que qualquer criança tem um brinquedo. A gente não tinha.

Sônia: Vocês faziam os brinquedos?

Isaura: Nós fazíamos os brinquedos. Fazia o forninho, fazia, com uma tabuinha, a gente fazia uma mesa. Tipo de brinquedos assim, a maioria dos vizinhos. Porque, antigamente, naquele tempo uma pessoa que tivesse, uma família que tivesse uma casa mais ou menos pra morar, já se considerava... bem de vida. Então, eles não se juntavam muito com a gente. Mais era a gurizada, assim, mais humilde, que nem os meus pais, que o meu pai sempre trabalhou, mas sempre foi operário e a minha mãe sempre ajudou. Mas era diferente a vida, a vida era muito diferente do dia de hoje.

Sônia: E, assim, cantigas de roda...

Isaura: Sim, a gente brincava de roda também. Até, eu ainda me lembro e me dá vontade de rir, quando eu lembro de que eu gostava muito de brincar daquela *virola da cruz*. Então a gente cantava: “*por aqui quero passar, por aqui nós passaremos e a da frente passará e a de trás ficará*”. Umas brincadeiras assim. E na escola também a gente brincava disso, porque as escolas que tinham aqui eram a paroquial e a municipal. Tinha só uma do estado, que era lá no centro. Então ali as crianças mesmo se juntavam e brincavam, mesmo na escola, os pátios eram abertos e, então, a gente brincava durante o recreio de roda, brincava de correr um atrás do outro. Brincadeiras assim, sabe, brincadeiras sadias né, mas coisas simples.

Sônia: E, dona Isaura, a senhora falou que o lazer das mulheres era mais fazer visita, e elas levavam os filhos?...

Isaura: Sim.

Sônia: Levavam todos os filhos. E, enquanto vocês ficavam conversando, os filhos ficavam onde?

Isaura: Ah, lá fora brincando, porque a gente não tinha vez de se meter. Nem se eles faziam café, por exemplo, um chá, alguma coisa, a gurizada ficava lá por fora. Depois que iam comer, primeiro sempre..., a educação que essa gente antiga dava era essa: a criança não tinha voz ativa pra nada, nem pra eles se sentarem na mesa. Era depois, primeiro os mais velhos, depois então os mais novos. Então, a gente ficava brincando lá fora, correndo um atrás do outro, bem à vontade, porque soltavam, não tinha perigo, então dava pra soltar, ficavam conversando e a gente ficava brincando.

Sônia: E, assim, a senhora se tornou jovem, e os divertimentos da sua juventude, dona Isaura?

Isaura: Olha, os divertimentos de minha juventude, que eu comecei a sair assim um pouquinho foi aí pelos quatorze, quinze anos. Então, era cinema, porque era a única coisa que tinha, cinema, de matinê e de noite. Então, matinê, a gente ia ao matinê. De manhã ia à missa às nove horas, depois ficava um pouquinho na Praça [Dante Alighieri], depois vinha pra casa, depois ia no matinê no cinema, depois ia no matinê dançante lá embaixo, no [Clube] Guarany. Tudo a pé, sabe, não tinha carro. Era a pé, caminhando. Depois voltava e ia ao cinema de noite. Isso eu fiz muitos anos, mesmo com namoradinho e sem namoradinho. Só que namoradinho não era que nem hoje. O namoradinho era bem..., era bem diferente. E assim, era o único divertimento que tinha, porque eu nunca gostei de futebol, não gostava e..., cinema, baile, a gente ia aos bailes e ao cinema, só!

Sônia: E a senhora se lembra da primeira vez que a senhora foi ao cinema? Que sensação a senhora tinha ao ver o filme?

Isaura: A primeira vez que eu fui ao cinema eu era criança ainda. Eu fui com o meu pai, mas era um filme que não tinha nada a ver, porque, imagina, eu fui ver “Sem novidade no front”, imagina! Mas o meu pai levava, o meu pai gostava muito de circo, quando tinha circo, mas ele adorava e então ele levava a gente no circo e a gente também gostava. Quando aparecia o circo a gente sempre ia. E o cinema, a primeira vez que eu fui, agora quando eu comecei a ficar mocinha, eu não lembro, assim, da primeira vez que eu fui ao cinema. A primeira vez que eu fui ao baile sim, né. Porque eu comecei a dançar já com dezesseis anos, porque o Antônio, meu irmão, ele era..., tinha teatro lá no Círculo Operário, ele era o diretor. E naquele tempo a gente não saía sozinha, se não tinha um irmão ou a mãe, a gente não ia a lugar nenhum, né. E o meu irmão, como era assim, uma pessoa adulta, então eu ia sempre com ele, e ele me levava. Então ali eu fazia umas pontinhas, porque eu nunca fui

artista, ele era artista, mas eu gostava de ir. Então a gente ia e depois terminava o ensaio, a gente dançava, lá tinha os rapazes, amigos, até muitos já morreram, mas com amigo, a gente ia representar, eles iam apresentar peças em Galópolis, Farroupilha, Flores da Cunha e era um divertimento! A gente ia pra lá e adorava, né. Depois, no fim, a gente dançava ou ia jantar. E foi aí que eu comecei a dançar, então eu ia no baile, ia ao matinê. E só deixei depois que casei.

Sônia: Fala um pouquinho, dona Isaura, dessas peças de teatro que tinha.

Isaura: Olha, a primeira peça que eu entrei, até numa pontinha, foi *Dom Beltrão de Figueiroa*. E tinha também junto, era uma peça curta, não era..., de dois atos, então tinha que botar mais alguma coisa. Tinha uma peça italiana musical, mas agora eu não me lembro o nome da peça. Era toda musical e tinha, ela deve viver ainda, a Antonieta Lunardi que cantava, cantava muito bem, e tinha coro e bastante música. Então, essa foi a primeira vez e foi um sucesso aqui em Caxias, porque não tinha outro divertimento. Era, mas então dava uma enchente, uma enchente, era no Cinema Central. E até deve ter lá no Museu [Arquivo Histórico João Spadari Adami] um álbum que tem tudo, tem tudo isso aí.

Sônia: Que a família doou?

Isaura: É, está lá, eu até disse que lá fica conservado. E ali foi a primeira, depois o Antônio continuou, o Antônio gostava muito. Eles representaram muitas peças: “A vida de Cristo”..., ai meu Deus, já nem lembro mais! Muitas e muitas peças. Terminavam uma e já começavam a ensaiar outra. Então era para o Círculo Operário, o lucro era para o Círculo Operário. E, às vezes, depois, o Antônio começou a trabalhar na rádio e aí ele apresentava as novelas, novela...

Sônia: Radiofônica.

Isaura: É, radiofônica. Então ele era o diretor, né? Aí na novela eu nunca fui. Mas aí eu já era casada. A Neuza que foi. E ele sempre gostou. Ele me levava junto porque eu gostava do passeio, então eu me diverti bastante esses anos aí. Mas é que eu casei nova também. Depois eu comecei a namorar também, a gente já não tinha tanta liberdade. Já não ia mais a esses lugares assim. Mas foi muito boa a minha vida de, eu achei muito boa. Curta, porque foi poucos anos, mas aproveitei bastante, foi muito boa.

Sônia: E a fase do seu namoro, dona Isaura?

Isaura: Bom, o meu namoro, eu tive dois namorados. O primeiro, não sei o que me deu, não quis mais, não quis, achei que não... Mas aí a minha mãe ficou meia desgostosa, porque naquele tempo, sabe, se namorava muito tempo e depois, olha, né? Eu namorei uns três anos e eu não quis mais, aí o meu pai não, o meu pai foi de acordo, “Se não quiser, pronto, acabou, não tem”.... E depois eu

fiquei, eu acho, uns dois anos sem namorar ninguém. Depois conheci o meu marido, né? Mas o meu marido já era um homem maduro, o que tinha de fazer já tinha feito. Então ali, eu tinha uma diferença de treze anos dele. Então, eu já comecei a namorar uma coisa mais séria e mais, então a gente já não se divertiu tanto, já não ia tanto pra tudo que é lugar. Ele gostava muito de dançar também, dançava muito bem por sinal. Eu não, eu nunca muito bailarina, mas ele dançava muito bem.

Sônia: E os seus filhos, dona Isaura? Aí a senhora foi tendo os filhos, como é que eles brincavam?

Isaura: Sim. Olha, os meus filhos já tiveram uma vida melhor do que a minha. Porque tu vê, conforme vai passando os anos, o povo se queixa hoje, mas nem botar perto do que a gente sofreu. Então, os filhos já tinham mais, já tinham seus brinquedos, tinham bicicleta. Também pouquinho, mas tinham. As meninas tinham a sua bonequinha, e já frequentavam a escola, escola direitinho, com uniforme e tudo certinho como é hoje, né. No tempo que eu ia não era assim. Então eu sempre me preocupei com isso, porque eu não tive, então tu sabe, a minha vida foi meio... pesada, mas eu sempre querendo dar o que eu não tive pra eles. Estudo também que eu não, que fez muita falta o estudo pra mim, quando o meu marido faleceu. Então eu cuidei muito disso. E eles se divertiam assim, tinha pouco... Eram acompanhados também por mim, porque não saiam sozinhos naquele tempo, mas eu procurava levar eles, ou se tivessem uma boa companhia eles iam, ou fazer uma viagensinha, tudo o que eles puderam aproveitar eles aproveitaram.

Sônia: E, dona Isaura, os natais, entre as famílias portuguesas, como eram?

Isaura: Olha, o Natal sempre foi uma festa assim muito..., já uma festa, eles levavam mais para o lado da religião. O nascimento de Jesus era mais [para] os portugueses, mas sempre aquele cuidado com a ceia de Natal, com a missa da noite, eles sempre cuidavam muito disso. E nós também fomos criados assim. Mas aí qual era a festa mais festejada? Aqui em Caxias a festa mais festejada era a Festa de Santa Teresa.

Sônia: Fala um pouquinho sobre ela.

Isaura: Esta Festa de Santa Teresa as pessoas faziam vestido novo, sapato, cortina, mandavam pintar a casa, mas era uma loucura, todas as pessoas de Caxias. Era uma festa, assim, “ah, vou ter que fazer..., ah, eu vou fazer para a Festa de Santa Teresa”, muito mais do que o Natal. E eu não sei, eu estava pensando, mas eu não sei como é que foi caindo. Porque logo, o dia quinze agora é o dia de Santa Teresa, né. Não tem mais aquilo, mal e mal é uma novena. Mas era uma festa assim, as pessoas esperavam a Festa de Santa Teresa. como uma Festa da Uva, até mais, sabe. Todas as famílias se preparando, faziam doce, vinham visitas da colônia, vinham para a cidade para visitar as

pessoas, os amigos, os familiares. Era uma festa assim, fabulosa. E o Natal era mais uma parte... Hoje é mais presente, de dar presente, naquele tempo não. Mesmo no tempo que eu era moça, o Natal era uma festa religiosa. A gente procurava ir à missa, fazer a ceia de natal, mas não era assim, nem botar perto da... Muitas pessoas que vão me ouvir vão se lembrar dessa festa, porque era bem..., muito, muito festejada.

Sônia: E tinha procissão? Que promoções tinha durante a festa de Santa Teresa?

Isaura: Olha, tinha procissão, tinha festa na praça, aqueles sorteios, roletas, ah, esses jogos de igreja, sabe, pra angariar dinheiro. A gente encontrava os namoradinhos e então caminhava um pra lá, um pra cá, ali na praça [Dante Alighieri]. A gente se encontrava, conversava, e assim uma festa simples, não tinha grandes coisas, mas o pessoal é que fazia a festa. O pessoal, a gente mesmo que fazia a festa, sem ajuda de nada.

Sônia: E outra coisa, dona Isaura, além da festa da padroeira, no caso, tinha outras festas? A de Santa Teresa, do Divino Espírito Santo?...

Isaura: Tinha. A do Divino Espírito Santo, a bandeira ia de casa em casa e ela tinha umas fitas amarradas, bastante, bastante fitas em cima, amarradas no Espírito Santo, na pombinha. Então, eles traziam, as pessoas vinham e traziam a bandeira e a gente pegava a bandeira, se queria, levava dentro de casa, e passavam. Assim, tirava uma fitinha, um pedacinho daquela fitinha e ficava como lembrança, e a gente dava uma esmola, um dinheiro lá, conforme a pessoa pudesse. E, depois, a festa era também assim, de quermesse. Não era uma quermesse, mas de jogos na praça e tudo, não era tão forte que nem a de Santa Teresa. E nós, crianças, gostávamos muito da Festa de São João. Então, na Festa de São João, a gente começava a preparar aquela fogueira enorme, ia buscar nos matinhos que tinham por ali em volta, bastante..., não era com pneu, era com lenha, com capoeira seca, fazíamos aquelas fogueiras lindas e então a gente brincava e pulava a fogueira, assava pinhão. A gente se divertia muito com a Festa de São João também. Que eu me lembro é dessas festas assim que ficaram, né. A do Espírito Santo porque vinham nas casas, e a de São João, porque a gente fazia essas fogueiras, a gente se divertia muito! Porque tinha lugar pra fazer. Hoje nem teria, se quisesse fazer, onde é que se vai fazer uma fogueira? Mas naquele tempo a gente fazia.

Sônia: Daí toda a gurizada se reunia...

Isaura: Se juntava, aparecia criança de tudo que era lado. E até os adultos vinham, os adultos também vinham e, então, pulavam a fogueira, brincavam..., os namorados aproveitavam pra dar uma namoradinha por ali, sempre assim.

Sônia: E tinha alguma música especial que vocês cantavam para a festa de São João?

Isaura: Não, eles se vestiam, eles gostavam muito de se vestir de caipira, a gurizada assim, a rapaziada, se vestiam de caipira. Mas música eu não me lembro de cantarem, de cantarem música.

Sônia: E tinha pinhão?...

Isaura: Pinhão, batata-doce, mais eram essas duas coisas. Quentão, isso a gente nem usava. Porque era feita na rua, sabe, não era feita dentro de casa. A festa era feita lá na rua! E parece mentira que o tempo colaborava, sabe, porque é inverno, né. Era um tempo sempre..., tudo estrelado. Sei lá como é que era, que a gente conseguia fazer aquelas festas tão boas. Depois é a de São Pedro, que é logo em seguida, mas já não era..., não era igual, era menos assim. Alguém fazia uma fogueirinha, algum foguete, mas não era, nem botar perto da de São João, as festas de São João eram muito boas.

Sônia: E, dona Isaura, vocês tinham o costume de fazer piqueniques no verão, de sair com a família e ir na beira de um rio?

Isaura: Não. O único, que a gente pode dizer piquenique, era na Festa de Santa Catarina. Porque como fica meio retirado e não era que nem hoje, que tem ônibus, era a pé, a gente saía daqui e ia a pé e, então, levava comida. Mas ia a família toda. Comida, bebida, tudo a gente levava pra lá e cada um ficava onde tinha os pinheiros, por ali, a gente ficava o dia inteiro. Então, lá de vez em quando, tinha uma turminha que dançava ou outros cantavam. E a gente passava o dia ali, era tão... Eram muito boas também aquelas festas de Santa Catarina. Então, o pessoal da cidade ia todo pra lá, tudo a pé, e a gente encontrava as pessoas com as cestinhas, com os balainhos, porque quase ninguém tinha carro. Ônibus não tinha, então a gente ia a pé. Era uma festa! Era o único piquenique. E, também, a gente costumava fazer, no primeiro do ano, churrasco, mas a gente não tinha churrasqueira, não tinha nada, ia para o mato. E lá faziam um buraco, cortavam uns galhos e faziam os espetos e faziam o churrasco no mato, não era nas casas. Isso era no primeiro do ano, então. Se ninguém comia churrasco durante o ano, mas dia primeiro do ano comiam. Então, às vezes, não ia só uma família, iam duas, três famílias, se juntavam. Os homens levavam vinho e as mulheres levavam pão, doce, bolo, essas coisas, e a carne, a gente ficava o dia inteiro também.

Sônia: E dona Isaura, na Festa de Santa Catarina, o que vocês levavam? Vocês começavam a preparar um dia antes e que tipo de lanche vocês levavam?

Isaura: Bom, a gente levava bife à milanesa, mais era frango, porque era mais fácil, então a gente levava frango. A minha mãe fazia bolinho, bolinho de bacalhau, que a gente usava muito bacalhau. Então levava bolinho de bacalhau, pão, cuca, ela fazia muita cuca, mas não era que nem hoje com cremezinho. Naquele tempo os doces eram mais esses. Era bolo e cuca, esse tipo de coisa assim.

Sônia: E, assim, de caçadas entre os homens, a senhora se lembra? Pescarias, caçadas?...

Isaura: Não. O único que caçou, na nossa família, foi o meu marido, mas não caçava nada, né? Quer dizer, caçava passarinhos, matava os pobrezinhos dos passarinhos. Mas, assim, caçadas grandes ele nunca fez. Ele gostava de ir para o mato assim, ele ia, trazia lá dez passarinhos, oito, e eles mesmo limpava. E, depois..., ele dizia que não era tanto pra comer, mas ele gostava de ir no mato. Ele tinha uma espingarda pequena assim. Mas, senão, na minha família ninguém era caçador, nem pescador. Não, não era.

Sônia: Dona Isaura...

Isaura: Eu quis sumir com a espingarda quando ele morreu. A primeira coisa que fiz foi dar aquilo, porque eu tinha pavor que fosse matar os bichinhos. Ainda mais aqueles bichos pequeninhos ali. Muitas vezes ele me trazia às vezes uns passarinhos desse tamanho. E eu peguei, nem sei que fim levou a tal de espingarda. Não quero, não quero que filho meu vá matar passarinho.

Sônia: É isso aí. E as brincadeiras durante os piqueniques, das crianças?

Isaura: É, correr um atrás do outro, vai fazer o que, né. Correr um atrás do outro, brincar de se esconder, se tinha lugar, brincar de se pegar, pular corda. Eu pulava muita corda também, eu adorava pular corda, jogar bilboquê, que eu até hoje jogo bilboquê. Eles riem lá em casa, porque ninguém me acompanha, porque eles não, eles vão e batem com o bilboquê no rosto. E eu tenho um lá, às vezes quando eu tiro ele lá eu dou ainda uma jogada. Era bilboquê, e eu não podia comprar bilboquê, imagina, era difícil. Então, eu pegava uma argolinha, sabe, uma argola de ferro assim e botava um barbante e um pauzinho na ponta e jogava com aquilo, porque bilboquê eu não tinha, né. E a gente não conseguia comprar. E, também, uma coisa, eu não pedia... E outra coisa que era triste, eu acreditava, por exemplo, não era o Papai Noel, naquele tempo a gente dizia *Kriss Kringle*. Eu acreditava no *Kriss Kringle*. Eu achava que existia e que ele vinha nas casas, mas que pra mim ele não trazia e eu não sabia o porquê. Isso que era o mais triste, porque eu não sabia o porquê, e também nunca botei prato, nada, nada pra ganhar. E eu acreditava, eu fui longe pra saber que não existia.

Sônia: E quando a senhora soube, dona Isaura?

Isaura: Aí quando eu soube eu fiquei contente, porque eu disse assim: “Então não era, eu não ganhava porque não existia”. A minha mãe, uma que, coitada, levou assim uma vida muito agitada, depois perdeu uma filha com dezessete anos e a minha mãe ficou triste; e o meu irmão, que era o Mano aqui, que durou muitos [anos], quando era moço ele era muito doente. Ele botava sangue pela boca e, naquele tempo, os médicos não descobriram o que era, nunca descobriram. Então, a minha mãe vivia naquela, ele também, né.

Suzana: Pavor?

Isaura: Pavor, sempre de dar uma hemorragia, uma coisa, né? Então a minha mãe não dava assim muita atenção para nós. Ela..., mais era pra ele que era doente, e trabalhar, ajudar, porque o meu pai não ganhava o suficiente. Então, a minha mãe trabalhava muito. Hoje as pessoas se queixam, mas hoje as pessoas que trabalham, onde um casal trabalha, os dois e, nós começamos a trabalhar com onze, eu comecei a trabalhar numa firma com onze anos. E meus irmãos, todos, com doze anos todo mundo já trabalhava. E a gente não ganhava nada, não dava pra nada, era uma miséria que eles pagavam, exploravam. Ficava doente, tu ia pra casa, tu não ganhava nada. E, então, a gente ganhava muito pouco e eu não pedia nada pra minha mãe. Aí, depois que eu fiquei mocinha, depois dos quatorze anos, então melhorou. Então a vida já era..., eu tive alguma coisa, mais do que a minha irmã, minha irmã era mais velha do que eu, ela também não conseguia. E eu, então, quando fiquei mocinha, já estava um pouquinho mais fácil..., tudo pra trabalhar em barril, todos eles. Tanto é que hoje em dia nem existe mais. Eu tenho um sobrinho que faz barrilzinho, que herdou do pai a profissão. Assim, ele faz, ele trabalha em outra coisa, mas em casa ele faz qualquer tipo de coisa em madeira, barrilzinho ele ainda trabalha. Mas, que eu conheço, é só ele. E os italianos aprenderam, já os filhos não gostaram, eu acho, de fazer isso, os filhos dos italianos, então foi acabando.

Sônia: Era uma tradição portuguesa?

Isaura: Era uma tradição portuguesa.

Sônia: A senhora teria mais alguma coisa pra falar, dona Isaura?

Isaura: Bom, eu posso falar do tempo da mocidade, do tempo que a gente era moça. Então, a gente tinha mais dificuldade do que hoje pra tudo, pra se vestir, pra passeio, pra divertimento. Não tinha a liberdade que tem hoje. Então, eu não sei se hoje é melhor ou naquele tempo era melhor. Eu acho que hoje é muito, para mim, com a idade que eu tenho, acho muita liberdade, muita... Antigamente a gente tinha mais respeito com as pessoas de idade, com os pais, com os avós. Não que seja o meu caso, que eu posso me queixar da falta de respeito da minha família, não, né. Mas a gente vê às vezes dizer uma criança, o jeito que uma criança age hoje em dia. Eles têm vontade própria, a criança hoje, e se ele acha que está errado, ele pega e diz para o pai, seja pra quem for, enfrenta até o professor e tudo. E antigamente não era assim. Então eu não sei qual é o melhor, pode ser que seja agora o melhor. Só que a gente, às vezes, fica meio chocada com certas coisas que a gente..., eu fico chocada com certas [coisas] que acontecem, que a gente vê na televisão ou que a gente lê, a gente fica meio..., mas a vida é assim, e então vamos viver ela como ela é.

Sônia: Só mais uma coisinha, dona Isaura, e o Juventus?

Isaura: Olha, o Juventus começou justamente com os portugueses. Então eu digo sempre que era uma coisa boa, sadia, porque eles... O que eles faziam? Eles iam jogar na colônia, muito pra fora, então a família ia, a mulher de um, ou a irmã, ou a namorada. Então, eles iam todos de manhã. Lá eles jogavam, lá eles comiam, na colônia sempre tem comida, churrasco. E voltavam de noite, voltavam de tardezinha. Depois, quando começaram esses velhos a ficarem velhos, aí deixaram de jogar. Então não tem mais jogadores de futebol, foi caindo. Agora ficou só meia dúzia que tem ali, então eles jogam carta e às vezes fazem uma janta, dificilmente eles fazem, né. Porque caiu por causa disso. Porque o meu irmão, um irmão meu que faleceu, eu queria que vocês vissem a festa que ele fazia de São João, ali no Juventus. Ele fez uma vez uma festa, enfeitou a rua ali onde eu moro, por ali que passou um caminhão e o motorista veio ajudar a pregar as bandeiras, porque precisava, disse que precisava pregar alto, porque quando os caminhões passavam, atrapalhava. E o motorista, todo entusiasmado, ajudando o meu irmão. O meu irmão botava o São João lá, depois ele riu, porque tinham umas quantas moedas e dinheiro. Ele botou o São João não foi pra botar esmola, não foi pra botar dinheiro, mas o pessoal chegava lá e botava, sabe [risos]. E o meu irmão era muito divertido, aquele sim, aquele lá..., só quando ficou doente que parou.

Suzana: Como era o nome dele?

Isaura: Vicente. Ele dançava, ele e a mulher dele iam ao baile de caipira, se divertiam muito. Então, o Juventus era uma coisa boa, porque a criançada ia, depois os pequeninhos iam, brincavam na colônia, jogavam bola, brincavam. E os que jogavam bola, jogavam, e os pais ficavam por aí conversando, almoçavam ali, passavam o dia assim, tinha o alto-falante lá e umas músicas. E foi assim, foi caindo, sabe, as coisas vão caindo. Se não tem quem segura vão desmoronando as coisas. Aí o Juventus desmoronou. Até esse bairro ali, era o bairro Lusitano, que até agora nem sei quem é que está muito chateado que trocaram. Agora, quando perguntam o meu bairro eu digo é Centro, não digo mais Lusitano, porque dizem que não é mais, parece que um prefeito, não sei qual prefeito tirou. Mas era Lusitano, justamente porque era a zona dos portugueses, eram todos portugueses os que moravam ali. Portugueses legítimos agora ali, portugueses mesmo, acho que não tem nenhum. Tem dois que parecem que são, que estavam aqui com os pais, os pais foram pra Portugal passear e eles nasceram lá. Então foram registrados lá, são portugueses. Mas, daqueles portugueses antigos, o último era o meu cunhado que morreu agora, no ano passado, com oitenta e seis anos. Esse também veio pra trabalhar, fazer, trabalhar com barril. A maioria que veio de Portugal, veio aqui para o sul, veio pra fazer barril. Nenhum veio pra fazer um outro tipo de negócio. Agora, em São Paulo, Rio, aí tem muitos portugueses. Tem...

Sônia: Casa de comércio?

Isaura: É, casa de comércio, restaurante, esse tipo de coisa.

Sônia: Dona Isaura, se a senhora não tem mas nada pra falar...

Isaura: É, eu acho que eu não lembro agora de momento, pode ser que depois me lembre, mas aí....

Sônia: Muito obrigada, dona Isaura.

Isaura: Eu que agradeço a oportunidade.

Transcrição em: janeiro de 1996.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão em: 21 de dezembro de 2010, 08 de janeiro de 2025 e 24 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 36 minutos.

Observação: